

O ROSTO E A ÉTICA COMO FILOSOFIA

PRIMEIRA EM LÉVINAS

Daniel Nery da Cruz*

Resumo

Emmanuel Lévinas apresenta em seu pensamento um ousado questionamento sobre o status da ontologia posta pela tradição como filosofia primeira. Sua intenção é mostrar que o conceito de “ser” estabelecido pelo sistema racional tenta abarcá-lo, possuí-lo. Nessa posse, o ser é neutralizado, aprisionado, enquadrado, objetivado e explorado. A arrogância da ontologia, segundo Lévinas, se corrobora quando o humano se manifesta, ou seja, a relação entre as pessoas não é ontológica, mas ética, e o primeiro contato ético é desvelado no rosto do Outro. Nessa dimensão do Outro não é possível a captura do ser humano como acontece com as coisas. O humano tem uma dimensão transcendente em si mesmo. Com essas argumentações a ética é exaltada como anterior à ontologia e assume a posição de filosofia primeira.

Palavras-chave: Ética, ontologia, Lévinas.

Introdução

Emmanuel Lévinas traz como principal fundamento do seu pensamento o questionamento da ontologia como filosofia primeira. Não se importando com a tradição filosófica, ele postula uma nova teoria baseada na constituição do Outro como

* Mestre em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professor da Faculdade Juvêncio Terra/ Universidade Maurício de Nassau. Pesquisador do [Núcleo Avançado de Estudos da Contemporaneidade](#) – UESB. E-mail: danielncruz@hotmail.com

ponto de partida para a verdadeira busca humana. A ética vem a ser a filosofia primeira por não negligenciar a questão do outro.

Esse modo de encarar a realidade sob outra perspectiva nasce de um pensamento crítico que não tem origem no ser. A tese está fundamentada na “[...] constituição da subjetividade como sensibilidade, conceito originário da ética – filosofia – primeira, origem da responsabilidade para com o outro [...]”¹.

Trazendo o outro para a discussão filosófica, Lévinas mostra que a relação dos entes humanos não é ontológica. A ética está além da relação, ela tem sua estrutura firmada em um conhecimento que não se enquadra na posse (como faz a ontologia), mas se converge na experiência pela ideia do infinito que é o Outro.

O acesso ao Outro é processado no rosto. A contemplação do rosto é o primeiro momento ético, ele conduz a uma reflexão em que se recordam as obrigações de quem o contempla. Por isso a exterioridade leva a conhecer e identificar o rosto do Outro.

O rosto não pode ser desvendado, ele é de uma ordem não sensível, é indecifrável e por isso não pode ser desvelado e nem pode ser dominado pela ontologia. A ontologia tem a intenção de abarcar o todo, a totalidade, mas ao se esbarrar com o rosto do Outro, essa intenção é fracassada. Desse modo a ética em Lévinas tem como postura a negação de uma ontologia tradicional e a afirmação de uma ética como filosofia primeira.

A ética e o rosto

Emmanuel Lévinas, em sua *ética da alteridade*, relata a existência do “ser no mundo”, que consiste, por um lado, que há um “eu” recolhido em sua morada vivendo de gozo e, por outro, um “eu” em movimento e constituinte do mundo onde ele vive, onde localiza sua

¹ RABINOVICH, Silvana. **Apresentação, Emmanuel Lévinas: a ética como filosofia primeira, Jerusalém interpela Atenas.** In: COSTA, Márcio Luís. *Lévinas: uma introdução*. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 9.

morada. Ou seja, a sua morada está situada no mundo, porém, em se tratando da ordem da constituição, o mundo é produzido a partir da originalidade da morada. O mover-se no mundo é ter posse dele como “meu mundo”, assim, o possuir um mundo é o ato concreto originário do modo de ser do “viver bem de... com gozo”.

Ao se referir sobre a posse do objeto por esse “ser no mundo”, Lévinas argumenta que este objeto possuído perde seu ser. Possuir significa neutralizar o ser do ente possuído. “A posse neutraliza esse ser: a coisa enquanto ter é um ente que perdeu seu ser [...] A ontologia que aprende o ser do ente – a ontologia, relação com as coisas que manifesta as coisas – é uma obra espontânea e pré-teórica de todo habitante da terra”²

Esse eu que Lévinas está se referindo é o ser humano que, segundo ele, é um ser separado e liberto da condição de animal e vegetal. Esse ser que “vive de... com gozo”, domina os entes a fim de satisfazer suas necessidades de “ser separado”.

Nessa condição, um “ser separado – necessitado” tem um problema: o risco da pobreza. Lévinas está se referindo aqui ao fato de que esse ser pode não conseguir obter o suficiente para manter sua vida e posteridade. “A pobreza é um dos perigos que a libertação do homem corre ao romper com a condição animal e vegetal”³. E é essa condição de satisfação das necessidades que fez o ser humano “viver de... com gozo”. Essa operação de conhecimento ou constituição de mundo, posse, objetivação, chama-se ontologia.

Nessa esteira, temos uma constituição ou construção de mundo de fatura por parte de um ente humano que pode significar a pobreza de outro ente humano. Aqui é uma chave de leitura ética de Lévinas: as relações, as situações de vida próxima, a originalidade constitutiva do mundo e as relações dos “eus” no mundo.

A relação entre os entes humanos não é ontológica ou que tem a intenção de posse, objetivação, exploração etc, mas sim ética:

² LEVINAS, E. *Totalité et infini: essai sur l'extériorité* (1961a), La Haye, Martinus Nijhoff, 1961, p. 170.

³ LEVINAS, 1961, p. 120.

A relação entre os seres humanos não é ontológica (constituição, posse, objetivação, exploração, etc.), mas ética. A ética, mais que relação, é experiência: experimentar na transcendência a vergonha e a culpabilidade de uma ingênua liberdade individual e egoísta que tudo pretende agarrar, objetivar e fazer seu para explorar; experimentar “em mim a ideia do infinito que é o outro” como limite do “eu posso poder” e como primeira aproximação⁴.

A ética vai além da relação, ela é experiência: experiência na transcendência. Dessa forma, é preciso experimentar a ideia de infinito que é o outro. Isso traz um limite ao “eu posso poder” e uma maior aproximação com o outro. Faz experimentar o encontro sem mediações com o rosto do outro estando face a face com ele.

O outro e a linguagem configuram a relação ética que faz surgir o face a face. É o comunicar-me, compartilhar o “meu mundo” com o outro. A palavra traz uma estrutura de um mundo comum. É interessante notar aqui que, para Lévinas, essa transcendência não é uma visão do outro, mas uma doação em que a linguagem não está exteriorizando uma representação minha, mas compartilhando “meu mundo”. A linguagem aqui é o próprio rosto que se mostra. A linguagem é a relação (e a possibilita) entre separados; ela é o “próprio poder de quebrar a continuidade do ser”⁵.

Com o tema do primado da ética, Lévinas manifesta que o cerne de sua obra tem a intenção de propor uma procedência do ético sobre o ontológico. A relação homem a homem é com certeza uma das principais argumentações do filósofo.

Em *totalidade e infinito*, Lévinas fala longamente do rosto. É um dos seus temas mais frequentes e consiste em analisar o que se passa *frente a frente* quando se contempla o outro. O acesso ao rosto é o primeiro momento ético. Sendo o primeiro gesto ético, a transcendência conduz ao rosto do outro que recorda as obrigações do ser. O rosto põe em questão a liberdade e desperta para a vergonha, para a culpabilidade. “[...] porque o

⁴ COSTA, Márcio Luís. *Lévinas: uma introdução*. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 139.

⁵ LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Ed. 70, 1980, p. 174.

rosto me recorda minhas obrigações e me julga. [...] Minha liberdade arbitrária lê sua vergonha nos olhos que me olham”⁶.

A filosofia do outro é compreendida dentro da relação, o corpo humano é posto em relação. Nenhuma pessoa vive por si e para si, a existência pressupõe a manifestação, a interação com o outro. “Mas, dentre todas as partes do corpo, o rosto é o mais exposto, tanto ao perigo quanto a carícia, nu e transparente, o rosto é completa exterioridade, inteira relação e comunicação, sinceridade e abertura”⁷.

Sendo exterioridade mostrada pelo rosto, o outro fala por si mesmo para o outro, sua única identidade se faz conhecer ou ser reconhecida. “O ser exterior que se apresenta para além de sua representação em mim e de sua função em meu mundo como objeto meu, é designado como rosto”⁸. Para frisar mais uma vez, é o rosto que dá significado à ética da alteridade de Levinas.

O rosto apresenta-se de forma nua, ou seja, preparado tanto para um momento de carícia quanto para um golpe, e o que vai tornar o rosto diferente das coisas é a sua nudez. O rosto se apresenta nu, ao contrário, as coisas não podem aparecer desprovidas, por exemplo, paisagens nuas, plantas nuas, mesas nuas.

A nudez do rosto não é da ordem sensível nem perceptível, por isso ela é metafísica. A nudez do rosto não é possível de ser desvelada, não é preciso um referencial, pois ele é por si mesmo.

Lévinas é convencido de que, diante da epifania do rosto, a fenomenologia fracassa por não conseguir desvelar a sua aparição; o seu modo de mostrar-se é algo que não se deixa catalisar, que excede a aparição, que emerge de um passado imemorial; o rosto mostra a sua nudez de forma sempre ambígua: é manifestação de uma novidade que se torna velha ao se mostrar; é juventude

⁶ LEVINAS, 1961, p. 238, 229.

⁷ MELO Nélio Vieira de. *A Ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 89.

⁸ COSTA, 2000, p. 141.

e velhice, pele enrugada e vestígio de si mesmo, vestígio perdido num vestígio⁹.

Com a apresentação dessa nudez do rosto, Lévinas inverte de forma profunda o sentido do conhecimento e significado do ser. A ideia do rosto desvincula o pensamento pautado no sujeito cartesiano, na subjetividade do “eu penso”. No lugar desse sujeito, Levinas traz a exterioridade do outro, seu rosto que se apresenta no lugar do ser.

O rosto não é constituído numa descrição para formar um sentido, descrever olhos, boca, nariz, seria uma redução ao conhecimento objetivo, e isso é o que Levinas evita, pois se corre o risco de entrar em uma dimensão ontológica. O sujeito que apreende o objeto de acordo com suas condições gera uma realidade de dominação e, obviamente, o reconhecimento do outro se torna uma identidade que é adequada ao sujeito.

A ideia de rosto traz em seu significado a alteridade no seu sentido mais puro ou absoluto, a saber, a transcendência. Nela não há nenhum enquadramento teórico nem prático:

Se o transcendente decide entre a sensibilidade, se é abertura por excelência, se a sua visão é a visão da própria abertura do ser – ela decide sobre a visão das formas e não pode exprimir-se nem em termos de contemplação, nem em termos de prática. Ela é rosto; a sua revelação é palavra. A relação com outrem é a única que introduz uma dimensão da transcendência e nos conduz para uma relação totalmente diferente da experiência no sentido sensível do termo, relativa e egoísta¹⁰.

O discurso do “face a face” leva Lévinas a recusar uma filosofia ontológica que apoie no global e na síntese. A noção de totalidade deve ser substituída pela separação.

No rosto há a percepção dos valores, ali é o começo da moralidade, nele o homem encontra sua verdadeira realidade. Na compreensão do outro ou no desprezo e na violência, tudo depende do encontro com o rosto.

⁹ MELO, 2003, p. 92-93.

¹⁰ LEVINAS, 1980, p. 171.

Em defesa da alteridade

A promessa de um saber absoluto pela filosofia, segundo Levinás, é um pensamento do igual. O ser é alcançado em sua verdade, e mesmo que a verdade não seja buscada na sua versão definitiva, há a promessa de uma verdade mais adequada. Nisso Levinás considera que, sendo finitos, os seres humanos não podem levar a tarefa do saber a um nível inalcançável. Porém, dentro dos limites que ela é cumprida, consiste em fazer que o outro se torne o *Mesmo*, ou seja, se torne ele mesmo.

A ideia do infinito traz uma desigualdade no pensamento, isso ele afirma citando como exemplo o pensamento cartesiano:

Sem dúvida, o ser finito que somos não pode, no fim de contas, levar a bom termo a tarefa do saber mas, dentro dos limites em que esta tarefa fica cumprida, ela consiste em fazer que o Outro se torne o Mesmo. Inversamente a ideia do infinito implica um pensamento do Desigual. Parto da ideia cartesiana do infinito, onde o ideatum desta ideia, isto é, o que esta ideia visa, é infinitamente maior do que o próprio acto pelo qual eu penso¹¹.

A expressão “não matarás” exprime uma face do outro, sua abertura para o transcendental. Ninguém tem o direito de tirar a vida do outro por apropriação, negando-o. Segundo Levinás, a negação total do outro só tem um destino: o assassinato. “Matar não é dominar, mas aniquilar, renunciar em absoluto à compreensão”¹². O matar não é um mecanismo de dominação do outro, apenas tira de forma radical a vida.

Segundo Lévinas, o erro da ontologia tradicional está na intenção de abarcar a compreensão do ente como ser, esse enquadramento acaba destruindo a alteridade. Assim, “a relação com o ser, que atua como ontologia, consiste em neutralizar o ente para o compreender ou captar” (LEVINAS, 2008, p. 33). O espaço para se pensar o

¹¹ *Ética e infinito*. Lisboa: Edicoes 70, 2007. p. 74.

¹² LEVINAS, 1980, p.177.

outro é aniquilado pela globalização ou totalização. Mas essa intenção de abarcar o todo que a ontologia propõe fracassa ao se deparar com o outro. Segundo o mesmo autor, a não manifestação do ser como fenômeno produz esse efeito (abarcar o conhecimento) singular em cada pessoa.

O encontro com outrem consiste no fato de que, apesar da extensão da minha dominação sobre ele e de sua submissão, não o possuo. Ele não entra inteiramente na abertura do ser em que já me encontro como campo de minha liberdade. Não é a partir do ser em geral que ele vem ao meu encontro. Tudo que dele me vem a partir do ser em geral se oferece por certo a minha compreensão e posse. Compreendo-o a partir de sua história, do seu meio, de seus hábitos. O que nele escapa a minha compreensão é ele¹³.

Com a proposta de contrapor a ontologia, Lévinas põe em seu lugar a ética como filosofia primeira. Isso porque o outro não pode ser capturado ou compreendido como um fenômeno, ele é apresentado como *absolutamente outro*.

Como se observa, em Lévinas a ética é manifestada sempre com grande importância. Em tempos em que a violência e todas as formas de tortura e morte se tornam banalizadas, o outro se desvela e com ele os seus direitos. Um desvelar para o eu que exige postura ética do Outro. Assim, a ética de Lévinas é uma alternativa para uma sociedade que tem a técnica em evidência e muitas vezes esquece que, no meio de tudo, existe o humano que precisa ser valorizado e reconhecido com respeito e igualdade.

Considerações finais

No bojo do pensamento Levinasiano, encontra-se uma crítica da redução ontológica ocidental como início de toda filosofia. Na verdade, essa crítica é também uma recusa a esse pensamento. A ontologia como foi posta pela tradição filosófica tenta abarcar todo o conhecimento, a sua ação é baseada na posse, exploração, aprisionamento. Por isso,

¹³ LEVINAS, 1997, p. 31.

Lévinas propõe como filosofia primeira a ética, nela o Outro se mostra sem o enquadramento ontológico, a ontologia não resiste ao rosto do outro porque ele não se deixa mediar.

A crítica à totalidade ontológica também tem a pretensão de afirmar que a subjetividade e a intersubjetividade humana se originam na ética como filosofia primeira. Para Lévinas, a relação entre os entes humanos não é ontológica, mas ética.

O primeiro contato ético do ser humano é o rosto. Nele se manifesta toda a fragilidade do homem, e nele é possível perceber, por meio da sua nudez, a vergonha e a impossibilidade de se ocultar. Quando a ontologia se depara com o rosto do Outro ela não consegue desvelá-lo. A nudez do rosto não é possível de ser desvelada, não é preciso um referencial, pois ele é por si mesmo. Baseado na experiência, a ética conduz ao encontro com a ideia de infinito que é o outro. Essa aproximação com o outro se realiza por intermédio do rosto. O outro faz surgir o face a face que é também doação.

Referências Bibliográficas

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Ed. 70, 1980.

_____. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. *Entre nós: ensaio sobre a alteridade*. Trad. Pergentino S.; Pivatto et al. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Totalité et infini: essai sur l'exteriorité* (1961a), La Haye, Martinus Nijhoff, 1961; reimpressão em Bblio –Essais, Le Livre de Poche, 1990. Versão em castelhano: Totalidad e infinito: ensayo sobre la exterioridad. Salamanca, Sígueme, 1977.

_____. *Ética e infinito*. Lisboa: Edicoes 70, 2007.

COSTA, Márcio Luís. *Lévinas: uma introdução*. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.

MELO Nélío Vieira de. *A Ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RABINOVICH, Silvana. **Apresentação, Emmanuel Lévinas: a ética como filosofia primeira, Jerusalém interpela Atenas**. In: COSTA, Márcio Luís. *Lévinas: uma introdução*. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.